

# Curadoria de conteúdo para (re)construção da memória LGBTQIA+: o Acervo Bajubá

*Content curation for (re)construction of LGBTQIA+ memory: the Acervo Bajubá*

Anderson Matheus Alves Arruda   

Arthur Henrique Feijó de Almeida   

## Resumo

A internet, enfatizada por Manuel Castells, e possibilitada pelo desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs -, é usada principalmente para a comunicação, interação e organização social. Pressupõe o ciberespaço como um local de ressignificação do sujeito, que o permite criar e manipular objetos e interagir sob um conhecimento preexistente no constituinte à uma dialética do novo saber. A curadoria social constrói a partir da ideia da criação de um processo de curadoria de conteúdos independente de um profissional específico, direcionando suas ações como resultados da atuação do social, nesse caso todos os usuários da web social, que buscam compartilhar conhecimento de forma coletiva, resultante em um sistema propício para criação de consciência e memória. O Acervo Bajubá se contextualiza nessas ambientações e contribui para a memória LGBTQIA+. Subsidiar a curadoria de conteúdos e a curadoria social como práticas que possibilitam a manutenção da consciência e da memória LGBTQIA+ realizadas por atores nas redes sociais, a partir da análise de caso do Acervo Bajubá. O estudo de caso se apresenta como uma metodologia de pesquisa que geralmente utiliza dados qualitativos que foram previamente coletados a partir de eventos reais, objetivando a explicar, explorar ou descrever fenômenos atuais e seus contextos. Pudemos refletir acerca de novas relações e práticas curatoriais que estendem e convidam à reflexão acerca do papel social da curadoria de conteúdo em ambientes digitais.

**Palavras-chave:** curadoria digital; curadoria social; memória; LGBTQIA+.



# folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 8, n. 3. p. 94-113, set./dez. 2022. ISSN 2447-0120. DOI [10.56837/fr.2022.v8.n3.936](https://doi.org/10.56837/fr.2022.v8.n3.936).

## Abstract

The internet, emphasized by Manuel Castells, and made possible by the development of Information and Communication Technologies – ICTs -, is used mainly for communication, interaction and social organization. It presupposes cyberspace as a place of resignification of the subject, which allows him to create and manipulate objects and to interact under a pre-existing knowledge in the constituent part of a dialectic of new knowledge. Social curation builds on the idea of creating a content curation process independent of a specific professional, directing their actions as a result of social action, in this case all users of the social web, who seek to share knowledge in a way collective, resulting in a system conducive to the creation of consciousness and memory. The Acervo Bajubá is contextualized in these settings and contributes to the LGBTQIA+ memory. To support content curation and social curation as practices that enable the maintenance of LGBTQIA+ awareness and memory carried out by actors in social networks, based on the case analysis of the Acervo Bajubá. The case study presents itself as a research methodology that generally uses qualitative data that were previously collected from real events, aiming to explain, explore or describe current phenomena and their contexts. We were able to reflect on new relationships and curatorial practices that extend and invite reflection on the social role of content curation in digital environments. Enter the text here. Enter the text here. Enter the text here. Enter the text here. Enter the text here. Enter the text here. Enter the text here. Enter the text here. Enter the text here. Enter the text here.

**Keywords:** digital curation; social curation; memory; LGBTQIA+.

## 1 Introdução

A informação no final do século XX se constituiu como instrumento imprescindível ao desenvolvimento social, econômico e político dos países (SCOTTI *et al.*, 1999). Porém, sua distribuição e transferência são condicionadas por uma limitação contextual e cognitiva; a fim de intervir na vida social, gerar conhecimento que estimule o desenvolvimento, ela necessita ser transmitida e aceita como tal (BARRETO, 1999).

A instrumentalização da web social ampliou as dinâmicas da sociedade em sua totalidade, facilitando formas de comunicação e colaboração em ambiente digital. O uso de tecnologias facilitou a comunicação entre pessoas que, em outras realidades, têm chances mínimas de desenvolverem qualquer tipo de relação informacional. Seus usuários podem interagir e se envolver de forma mais fácil e plural. Também denominada de Web 2.0, ela se caracteriza a partir da possibilidade de “acessar, organizar, gerenciar, tratar e disseminar a informação, conhecimentos e saberes” além de “facilitar o acesso e ampliar o uso da informação” (BLATTMANN; SILVA, 2007, p. 211).

Desenvolver métodos de ordenação e estruturação da informação é imprescindível para que a mesma não se torne inutilizável. É necessário que exista uma forma de representação e de transmissão para que ela possa chegar ao seu destino final: o usuário. Nesse sentido, dialogando com McGarry (1999), a informação deve ter alguma forma de veículo que deve possuir um atributo básico para que possa ser compreendido pelo receptor. Assim, a Internet,

ênfatisada por Castells (1999), e possibilitada pelo desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) é usada principalmente para a comunicação, interação, e organização social. E nessas organizações sociais constituem-se grandes estoques informacionais: sistemas de recuperação, a mediação da informação, os mediadores, e a rede da web, que facilitam a sociabilidade da troca informacional.

Castells (1999) e Levy (1999) percebem o advento da Internet e dos computadores além das características comunicativas e de aparatos de trabalho, mas como meios de interação e organização que são essenciais para uma sociedade contemporânea em rede. A interação possibilitada entre o sujeito e o objeto possibilita uma ressignificação das relações inter individualistas.

Levy (1999), interpõe, no contexto do ciberespaço como um meio de interação entre sujeito e objeto e sujeito, três pontos principais no crescimento do mesmo: (1) a interconexão, contemplando a conexão entre indivíduos em uma construção de conhecimento como grupo; (2) a criação de comunidades, apoiada sobre a característica interior e constituída a partir de afinidades e interesse mútuos; (3) e no sujeito coletivo, sobre o sujeito que se constitui um no e com o outro, como parte de um grupo, em uma união de interações de consciências que produzem conhecimento e navegam juntas.

Pressupõe, em teorias supramencionadas, a internet e o ciberespaço como espaços propícios para o fazer coletivo de sujeitos que constroem seus próprios ambientes, em base de afinidades e comunicações, visando uma atuação que começa no 'eu' e atinge o 'nós'; permitindo uma interação, baseada em Levy (1999), de ações entre sujeitos-objetos, sujeitos-sujeitos, autor-usuário, usuário-autor de comunidades específicas. O sujeito se faz ativo ao criar e manipular objetos e interage sob um conhecimento preexistente no constituinte a uma dialética do novo saber. Quanto mais essa postura se frisa, mais o sujeito se integra e retém no conhecimento que pretende aprender.

A pesquisa objetiva subsidiar a curadoria de conteúdos e a curadoria social como práticas que possibilitam a manutenção da consciência e da memória LGBTQIA+<sup>1</sup> realizadas por atores nas redes sociais. Desta forma, analisa a

---

<sup>1</sup> Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/queer. No Chile é comum se utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTQI, incluindo pessoas queer e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais e Assexuais) (JESUS, 2012, 30).

curadoria das publicações no perfil do Instagram do Acervo Bajubá e seus contextos.

## 2 Metodologia

A metodologia usada para a construção desse artigo busca uma aproximação entre dois campos da Ciência da Informação que, ainda que tenham muito a somar mutuamente, são poucas vezes vistos lado a lado: a curadoria de conteúdos em ambientes digitais da chamada Web 2.0 e a construção de uma memória LGBTQIA+ nacional. Sendo assim, esta pesquisa exploratória tem por objetivo subsidiar a curadoria de conteúdos e a curadoria social em ambientes digitais como práticas que possibilitam a manutenção da consciência e da memória LGBTQIA+, tendo como exemplo o Acervo Bajubá no ambiente virtual. Para tal, é necessário conceituar o que é curadoria, de conteúdo e social, em ambientes digitais, discorrer sobre o conceito de memória através de Débora Morato Pinto (2013), bem como contextualizar a memória do movimento LGBTQIA+ no Brasil e a importância de assegurar a sua existência, tendo como estudo de caso o Acervo Bajubá.

O Instagram foi criado em 2010, a partir da simplificação de outro aplicativo, o Burnb, por Kevin Systrome e Mark Krieger. O Instagram foi inicialmente criado como um aplicativo para smartphones visando o compartilhamento de fotos e vídeos, permitindo, além disso a troca de informações, mensagens e check-ins em localizações (BLYSTONE, 2020). Segundo estatísticas de 2020, o Instagram possui mais de 1 bilhão de usuários mensais e 500 milhões de usuários diários, se consolidando como uma das maiores e mais populares redes sociais do mundo na atualidade. Devido à sua popularidade, o Instagram quebrou o paradigma de mero veículo informações, informações estas consideradas por alguns como 'supérfluas', para converter-se também em um ambiente propício para pesquisa e divulgação científica a partir da apropriação dessa ferramenta por estudiosos de diversas áreas, visando a aproximação entre a academia e a população geral, num ato instintivo de democratização do conhecimento.

O estudo de caso se apresenta como uma metodologia de pesquisa que utiliza geralmente dados qualitativos que foram previamente coletados a partir de eventos reais, objetivando a explicar, explorar ou descrever fenômenos atuais e seus contextos. É caracterizada por fornecer conhecimentos profundos e ser um estudo detalhado e exaustivo de um ou poucos objetos (EISENHARDT, 1989; YIN, 2009). Dessa forma, realizar-se-á um estudo de caso do processo de curadoria

de conteúdo do Acervo Bajubá na plataforma do Instagram para que, através de uma abordagem qualitativa, possamos demonstrar formas possíveis de construir e manter uma memória LGBTQIA+ através da ação de um curador digital.

### 3 Curadoria, Curadoria de Conteúdo e Curadoria Social

A curadoria de conteúdos, uma das suas várias utilizações em novos campos de atuação, é muitas vezes associada ao advento de problemáticas acerca da presença de atores nas redes sociais e a forma como são disponibilizados os conteúdos, autorais ou não, nessas plataformas. A associação da atividade de curadoria de conteúdos se relaciona com o advento das TIC, a ideia de curadoria e de curador não são construções novas.

O papel do curador de conteúdo pode ser melhor explicado por uma comparação entre o papel clássico de curadores, como os curadores de exposições de arte ou de museus (ROSEMBAUM, 2011). A palavra curadoria é originária da palavra em latim *curare*, que pode ser entendida como o ato de curar, cuidar ou conservar (LEONZINI, 2010).

Chambers (2006) analisou em seu artigo 'Defining the role of the curator' a descrição de cargo e atividades exercidas por curadores em mais de 200 museus, a fim de contribuir com uma definição acerca da atividade curatorial. Conforme o estudo, curadores são canais que possibilitam a interpretação de alguns aspectos da cultura na construção e na gestão de coleções, realizando pesquisas acadêmicas para desenvolver exposições e criando conteúdos educacionais acerca de uma atividade específica.

Desta forma, curadores de museus tipicamente possuem 4 dinâmicas em seus trabalhos: 1) selecionar os melhores itens representativos; 2) verificar a origem e a autenticidade desses itens; 3) organizar os itens ordenadamente, seja por ordem cronológica ou por qualquer outro critério; e 4) apresentar os itens para a audiência, ou usuário, da forma mais efetiva possível (GUERRINI, 2013). Analisando essas dinâmicas, percebe-se que a atividade de curadoria extrapola o ambiente técnico e afere valor de sua atuação nos objetos, além de promover uma contextualização acerca dos mesmos, agregando valor documental.

A atividade de curadoria começa a ser utilizada em contextos fora de ambientes de arte e museus, integrando vocabulários de diversas áreas de forma interdisciplinar. O termo curadoria digital aparece na área da Biblioteconomia e na Ciência da Informação como um campo de estudo que foca em criar soluções



na gestão da informação digital, assim, Beargrie (2008) explica que a curadoria digital, amplamente interpretada, trata de manter e agregar valor a um corpo confiável de informações digitais para garantir o seu uso atual e futuro.

Zhong (2017) identificou na definição de Beagrie (2008) cinco pontos principais: 1) na manutenção, demonstrando que a informação precisa ser preservada para acesso futuro; 2) em agregar valor, para dar ênfase que a atividade é benéfica para a informação original; 3) na confiabilidade, demonstrando que a informação necessita ser verificada e atestada; 4) em 'informações digitais', onde o objeto da curadoria necessita ser digital; e 5) "para seu uso atual e futuro" é o objetivo principal da atividade da curadoria digital.

A partir dessas considerações, o autor propõe uma adaptação da definição de Beargrie (2008), acerca da curadoria digital, para uma definição da atividade de curadoria de conteúdos: "A curadoria de conteúdo é sobre descobrir, selecionar e organizar (fisicamente ou digitalmente) itens de conteúdos confiáveis em coleções para uso atual ou futuro" (ZHONG, 2017, p. 17, tradução nossa).

A curadoria de conteúdo para redes sociais é baseada nos conceitos básicos de curadoria de conteúdo proposta por Rosembaum (2011) em 'Curation Nation: how to win in a world where consumers are creators', relacionando a atividade proveniente de diversas fontes e sua funcionalidade com as atividades de identificação, seleção, verificação, organização, descrição, manutenção e preservação da existência dos objetos, além de integrá-los em uma fonte.

A visão de Rosembaum (2011) acerca da atividade de curadoria sofre diversas influências de um pensamento ligado às finalidades de formas de produção e de atuação organizacional. Apesar de ressalvas, é importante percebermos que a atividade da curadoria de conteúdo para redes sociais acontece em um contexto no qual os próprios usuários das plataformas, possibilitado pela ambientação na web social, são tidos como criadores desses conteúdos.

Essa abordagem descentraliza a atividade de um local restrito para atuação de profissionais especializados e ressignifica em sentido mais próximo de todos nós: qualquer indivíduo que tenha acesso e atue na web social. As características sociais da atividade de curadoria de conteúdos visitada por Rosembaum (2011) se repete em Zhong (2017), quando o autor identifica um contexto social da curadoria de conteúdos denominado '*social curation*'.

Social Curation ou Curadoria Social, como definida por Zhong (2017), se ambienta na discussão de Korr (2008) acerca da explosão informacional e como nenhuma entidade ou organização consegue rastrear o que está sendo publicado em todos os jornais, blogs, revistas e sites; ou adquirir os direitos de todos esses materiais. E para solucionar esse problema, devemos buscar o desenvolvimento de uma inteligência coletiva, que, nesse contexto, seria a Curadoria Social.

Assim, a curadoria social é um aspecto resultante do processo da curadoria de conteúdos que, por sua vez, se desenvolve a partir da atividade de curadoria digital. Entretanto, a curadoria social se constrói a partir da ideia da criação de um processo de curadoria de conteúdos independente de um profissional específico, direcionando suas ações como resultados da atuação do social, nesse caso todos os usuários da web social, que buscam compartilhar conhecimento coletivamente.

#### 4 Consciência e Memória

Débora Morato Pinto, em 'Consciência e Memória' (2013), traça um panorama de abordagens filosóficas acerca da consciência sob um recorte histórico de abordagens que permeiam diversas áreas do conhecimento, que caracterizam a consciência em torno da descoberta dos sentidos profundos do pensamento, de sua efetividade quanto ao tempo e da retomada de uma subjetividade (a memória) que marcou a cena cultural no final do século XIX.

Abordado em três pilares de análise histórica, a autora afere três dimensões analíticas acerca da construção da consciência. A consciência, então, é mais do que pensar e a memória é mais do que lembrar. A consciência é por muitas vezes associada à capacidade de possuímos algo associado com um conjunto de ideias, sentimentos, desejos, em um local secreto acumulativo que pode ser acessado sempre que necessário. Isso implica que, por um processo histórico, a consciência foi identificada como uma atividade da razão que tenta representar o mundo por meio de ideias, em uma composição de noção simples que "retorna a mente por esforço voluntário e da reflexão que a própria atividade mental, por vezes chamada de 'entendimento', pode exercer ao examinar-se a si mesma" (PINTO, 2013, p. 13).

Essa prerrogativa se complementa com a identificação da memória como um ato de recordação, uma evocação de ideias que foram adquiridas previamente para esclarecer e compor nosso entendimento em qualquer momento de nossa vida.

Ao analisar a Teoria de David Hume, Pinto (2013) aponta que ela é baseada em impressões e ideias simples como a origem do conteúdo da consciência, com o conhecimento se formando por composições desses simples. Ainda assim, a memória e a imaginação surgem nessa ambientação, responsáveis pela formação de compostos, de agregados, de conjuntos de ideias que ocupam a mente.

A memória, desta forma, baseia-se na repetição das impressões e reproduz ideias juntos com suas figurações vívidas, fiel à sua aquisição, como uma “capacidade humana capaz de retomar a ordem em que as apreendemos” (PINTO, 2013, p. 31). Ou seja, ela representa as impressões que foram recebidas sem alteração de como se originou, como um lugar possibilitador de repetição dessas impressões, sendo essencial na formação dos nossos juízos e crenças. A memória, na Teoria de Hume, se firma como uma ferramenta de representação do passado.

E em Bergson, Pinto (2013) percebe relações acerca das formas de consciência como memória, baseada na multiplicidade de interpenetrações que existem nos sujeitos, em nós. O que existe em nós, é uma “formação de uma totalidade dinâmica em que cada momento que se segue é incorporado ao mesmo tempo que recebe dela seu sentido próprio” (PINTO, 2013, p. 40). A anterioridade da consciência atual, manifesta

[...] não uma representação nem um estado delimitado ou determinável por um nome ou um conjunto de atributos; em suma, por um conceito. Estamos, ao contrário, em contato com um movimento de totalização puramente dinâmico e qualitativo; esse antes não está fechado, pronto, acabado, mas recebe do momento atual a sua própria continuidade: nesse sentido, o antes é idêntico ao durante e indissociável do depois - estamos aqui diante de um passado que avança e invade o futuro que está se criando (PINTO, 2013, p. 41).

Percebe-se, portanto, que as ideias que permeiam a anterioridade da consciência apresentam interligações que remetem à caracterização de uma memória, que possui caráter acumulativo e de consulta, influenciando não apenas no passado ou no presente, mas em narrativas futuras que ainda se constroem. A construção do futuro, baseada em um conjunto de memórias e na construção de uma consciência prévia, segue sendo influenciada por essas construções e se elabora nessas bases.



## 5 Memória LGBTQIA+ e o Acervo Bajubá

De serem punidos com a morte pela legislação de seus países por não fazerem nada além de amar<sup>2</sup>, até serem condenados à morte diante de nossos olhos por um senso comum regressista e uma legislação falha em punir agressores LGBTfóbicos no país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo<sup>3</sup>, é inegável que a comunidade LGBTQIA+ enfrentou diversos percalços ao longo da história e o cenário não é dos mais otimistas. Quando paramos para observar casos como o de Roberta<sup>4</sup> e Dandara<sup>5</sup> fica evidente que a sociedade civil como um todo ainda tem um longo percurso a trilhar para reverter um histórico incansável de opressão e exclusão contra esses sujeitos que fogem à norma de gênero e sexualidade imposta por uma sociedade patriarcal e heteronormativa.

Contextualizar o movimento LGBTQIA+ mundial ou até mesmo no recorte latino-americano é um trabalho extenso que seria quase impossível de ser condensado em apenas um artigo, por isso faz-se aqui uma contextualização breve dessas configurações no território brasileiro. A articulação de um movimento que hoje conhecemos como LGBTQIA+ data mais intensamente em solo brasileiro do fim da década de 70 e começo da década de 80, em plena Ditadura Militar Brasileira, buscando por, entre outras pautas, justiça social, participação política e reconhecimento de suas identidades enquanto sujeitos (GREEN *et al.*, 2018). Com a formação de grupos de debates e articulação para atuação coletiva em âmbitos civis e políticos, publicação de periódicos como 'Lampião de Esquina' e ações como as hoje mundialmente conhecidas Paradas da Diversidade, a comunidade LGBTQIA+ brasileira tem lutado pela garantia e manutenção de

<sup>2</sup> BRANDALISE, Camila. **Em 71 países ser gay é crime; homossexuais podem até ser condenados à morte**. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/22/nesses-paises-ser-gay-e-crime-e-pode-dar-pena-de-morte-por-apredejamento.htm>. Acesso em: 25 jun. 2021.

<sup>3</sup> JUSTO, Gabriel. **Pelo 12º ano consecutivo, Brasil é país que mais mata transexuais no mundo**. 2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

<sup>4</sup> Ler "Mulher trans que teve 40% do corpo queimado por adolescente tem braço amputado, e estado de saúde dela é grave: Amputação ocorreu devido à gravidade dos ferimentos. Paciente segue intubada na sala de recuperação do Hospital da Restauração, no Recife" em: <https://g1.globo.com/pe/paranaguacuru/noticia/2021/06/27/mulher-trans-que-teve-40percent-do-corpo-queimado-por-adolescente-tem-braco-amputado-e-estado-de-saude-e-grave-diz-hospital.ghtml>.

<sup>5</sup> Ler "Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário: Travesti Dandara dos Santos, de 42 anos, foi agredida e assassinada. Polícia prendeu dois homens e apreendeu três jovens; um segue foragido." em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>.

direitos básicos à sociedade civil que os são negados pela própria premissa de sua natureza.

O direito ao acesso à informação (de informar, se informar e ser informado) é garantido no Brasil pela Constituição Federal de 1988, mas a garantia desse direito é falha quando seu acesso é dificultado às pessoas não-brancas, não-heterossexuais e não-cisgêneras, por exemplo, assim é preciso problematizar o acesso à informação e a construção da memória de grupos que vivem à margem, tal qual a comunidade LGBTQIA+. Arruda e Alves (2019, p. 114) argumentam que “qualquer tipo de objeto, documento, dado ou evento pode ser entendido como informativo dependendo diretamente das circunstâncias e relevância por ele apresentado”, sendo assim a informação é suscetível às concepções pessoais de um grupo de pessoas que são, segundo Rousseau (2011), moldadas por suas próprias vivências.

Pensar na construção e institucionalização de uma memória LGBTQIA+ é buscar garantir que esses sujeitos que nunca são vistos - não por suas escolhas, mas por um processo histórico de combate e apagamento de suas existências e necessidades - tenham visibilidade e acesso ao conhecimento registrado, parte fundamental para a construção e pertencimento do sujeito ao meio em que se insere, como argumenta Santos Silva (2019, p. 21):

A visibilidade e, principalmente, o amplo e indiscriminado acesso ao conhecimento registrado geram no contexto sociocultural uma noção de pertencimento e valorização dos discursos construídos de forma coletiva sob a égide não apenas das narrativas homogêneas ou predominantes, mas passam a considerar válidos todos os discursos existentes e que justificam o processo de interação social que visa à comunicação e transgeracionalização dos saberes construídos no seio social tomando por base vivências heterogêneas, ou seja, que não se enquadram ao modelo típico de construção do saber e 'código social'.

O Acervo Bajubá inicia em 2010 um “projeto de constituição de um acervo voltado para preservação, salvaguarda e *instigação* historiográfica da arte, memória e cultura LGBT brasileiras” (ACERVO BAJUBÁ, 2021, online). E começa um processo de conseguir captar diversos tipos de documentos com esse enfoque, sendo eles “obras de arte, livros, periódicos, LPs e CDs produzidos por lésbicas, *gueis*, bissexuais, travestis e transexuais brasileiras, ou que tematizem a diversidade sexual e a pluraridade (sic) de expressões de gênero no Brasil” (ACERVO BAJUBÁ, 2021, online). É um acervo construído por financiamento

particular e contabilizou, em 2017, cerca de 2.500 (dois mil e quinhentos) itens, que ainda não passaram por um processamento técnico.

A constituição de um acervo pressupõe o “conjunto de documentos conservados para o atendimento das finalidades de uma biblioteca: informação, pesquisa, educação e recreação” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 2). Vale ressaltar que o Acervo Bajubá é constituído por e a partir de uma vocação colecionista, configurando-se como um acervo de colecionador financiado de forma particular que foi disponibilizado para consulta por membros da sociedade.

O acervo, que é aberto para o público, se alocou em 2019 na Casa 1, que é uma casa de acolhimento para pessoas LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade, localizada no centro de São Paulo. E pode-se perceber, por meio de uma publicação da Casa 1 em uma rede social<sup>6</sup>, que o acervo possui caráter de consulta como um ‘arquivo vivo, que é acessível a todas e todos’.

Não há de se problematizar aspectos referentes à caracterização do acervo, mas configura-se aqui uma análise a partir da curadoria de conteúdos para redes sociais veiculadas à ele. Em períodos epidêmicos, decorrente da proliferação do COVID-19 em âmbito mundial, no Brasil, criaram-se decretos de distanciamento social como forma de combate ao vírus. Os decretos influenciaram, também, em períodos de funcionamento de algumas instituições, reconfigurando horários e normas de funcionamento.

Nessa conjuntura, as primeiras postagens na rede social do Instagram do Acervo Bajubá<sup>7</sup> datam de setembro de 2020<sup>8</sup>, com o objetivo de ‘divulgar o nosso material disponível e as atividades que realizamos, sempre na nossa missão de purpurinar o mundo e democratizar o acesso ao conhecimento’. Assim sendo, a curadoria de conteúdos em ambientes digitais eleva-se em grau de importância quando se trata da democratização da informação em tempos de pandemia, como a do COVID-19, onde o acesso a ambientes físicos e materiais analógicos representa um risco à saúde pública.

Sabe-se, abordado como objeto de pesquisa de diversas áreas, que ‘O Lampião da Esquina’ foi o primeiro jornal de temática abertamente homossexual de grandes tiragens e com circulação nacional. O periódico, um ato de subversão e coragem em tempos onde a homossexualidade ainda era considerada doença

<sup>6</sup> <https://www.facebook.com/casaum/posts/2357452141173148/>

<sup>7</sup> <https://www.instagram.com/acervobajuba/>

<sup>8</sup> <https://www.instagram.com/p/CFZvbnBBByL/>

pela Organização Mundial da Saúde (OMS), foi durante muito tempo a única publicação de fácil acesso que dava visibilidade e acolhimento as pessoas LGBTQIA+, que sofriam duras represálias como mostra uma das publicações (Imagem 1) do Acervo Bajubá (2021, online) no Instagram:

**Imagem 1 - Lampião da Esquina**



**Fonte:** Página do Acervo Bajubá no Instagram, Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPislutHiqP/>.

A imagem acima, registros de uma das edições da publicação supracitada, traz em sua capa o título ‘Amor entre mulheres’. Junto a imagem, veicula-se a legenda:

Em maio de 1979, a edição de aniversário do Lampião da Esquina traz pela primeira vez a contribuição de mulheres lésbicas às páginas do jornal. Assinada pelo Grupo Somos, o texto sensível e corajoso aponta para a nossa já há muito conhecida invisibilidade lésbica e aborda a dupla repressão vivenciada por mulheres que são homossexuais. Com um senso de urgência para correr contra o tempo e passar a existir publicamente num momento no qual a homossexualidade ainda era vista como anormalidade, a matéria nos oferta relatos de experiências de descoberta da sexualidade e das repressões e violências enfrentadas. A edição foi adquirida pelo Acervo em 2013.

Ainda que o ‘Lampião da Esquina’ tenha sido um grande marco divisor de águas no que diz respeito às publicações nacionais voltadas para comunidade LGBTQIA+, esta não foi a primeira como documenta o Acervo Bajubá (2020, online) em outra de suas publicações (Imagem 2) no Instagram:



## Imagem 2 - Auto-acusação, homossexualismo e transvestitismo



Fonte: Página do Acervo Bajubá no Instagram. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CGDMWdOhL2u/>.

Junto aos registros fotográficos da obra “Auto-acusação, homossexualismo e travestismo: contribuição à prática da criminologia psicanalítica”, o Acervo Bajubá publica detalhes da publicação como legenda:

A obra “Auto-acusação, homossexualismo e transvestitismo: contribuição à prática da criminologia psicanalítica” (1939). de Gualter Adolpho Lutz, apresenta o estudo de caso de Ralph Glass ocorrido em dezembro de 1935 no Rio de Janeiro. Glass foi um artista transformista evolvido num assassinato e foi objeto de estudo do médico Gualter Adolpho Lutz, em sua tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Essa obra soma-se a bibliografia dentro Medicina legal brasileira sobre a homossexualidade do começo do Século XX e seu projeto de associar essas práticas sexuais e expressões de gênero ao perigo, delinquência e criminalidade. A publicação foi adquirida para o Acervo Bajubá em 2020.

A visibilidade que permite a construção de um sentimento de pertencimento e valorização de que fala Santos Silva (2019), citada mais acima, é destaque em outras publicações do Acervo Bajubá. Através do processo de curadoria de conteúdos do Instagram do Acervo temos contato com figuras de prestígio da cena LGBTQIA+ que deixaram, sem dúvidas, uma marca sociocultural de importância para a comunidade, mas que não têm espaço em grandes veículos de comunicação atual por não se encaixarem na ‘moral e bons costumes’ que tanto prega a ‘família tradicional brasileira’, mas que antes eram consumidos como entretenimento até mesmo pelos mais conservadores, como exemplifica o texto desta publicação (Imagem 3) de 2021:



### Imagem 3 - Bonekas



Fonte: Página do Acervo Bajubá no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COOU3z8HFal/>.

‘Bonekas’ é uma publicação que aclama os grandes nomes da cena cultural dos anos 1970 e 1980. O registo da publicação é acompanhado da legenda:

É quase impossível falar da cena cultural dos anos 1970 e 1980 sem mencionar os espetáculos artísticos protagonizados por transformistas, bonecas e caricatas. Presentes em programas de televisão, palcos de teatro e boates onde eram assistidas até mesmo por figurões da ditadura, os números performados eram verdadeiros espetáculos artísticos. O glamour era tanto, que muitas transformistas eram convidadas para se apresentarem em turnês internacionais. Na cena paulistana, um dos grandes nomes desse período foi o da artista Gretta Starr. Gretta começou sua carreira na Pink Panther, em Santos, sua cidade natal. E foi lá que surgiu o convite de se apresentar em mais de 20 países, adotando Tóquio como sua cidade-base. Em sua volta do Oriente, Gretta fez sucesso em casas como a Nostro Mondo, Homo Sapiens e a Blue Space, onde trabalha até os dias de hoje. Para saber mais sobre a história de Gretta, escute o sétimo episódio do podcast Passagem só de ida, produzido em parceria com a @casa1 e com o apoio da rede MILBI. Na primeira foto, vemos Gretta Starr na capa da revista Bonekas, acompanhada de Samantha e Natasha Dumond. Na segunda, vemos a primeira página de sua entrevista, na qual é apresentada como “veterana dos palcos no Brasil e no Mundo” e detentora do título “Miss Universo Bonecas 1979, em Santos” (ACERVO BAJUBÁ, 2021c).

Na década de 60, o Pasquim surge como uma publicação jornalística de bairro que durante o Regime Militar se tornou a voz de muitos brasileiros que se encontravam exilados e de pessoas que se posicionavam contra ao regime que permanecia no país, através de um jornalismo de humor e crítico do comportamento da classe média brasileira, da moral e dos bons costumes (VAUCHER, 2012).

### Imagem 4 - Jane Di Castro no Pasquim



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CGsIY4Hn3Xt/>.

Uma edição desse jornal (Imagem 4), parte do Acervo Bajubá, traz em sua capa a autodenominada travesti super-star Jane Di Castro, protagonizou uma publicação no Instagram em outubro de 2020 com a seguinte legenda:

Depois das despedidas de Marquesa em 2015, Rogéria em 2017, Claudia Celeste e Brigitte de Búzios em 2018, novamente as luzes do palco se apagam e mais uma das Divinas Divas encerra seu ato. Hoje nos despedimos de Jane do Castro, a glamurosa artista que nos seduziu nos palcos inspirada em Marylin Monroe e Coccinelli, além de nos encantar com sua belíssima voz interpretando de Edith Piaf a Nubia Lafayette e Cazuzu. Assim como as outras Divinas Divas, Jane estreou na turbulenta década de 1960, tanto nos palcos da Galeria Alaska como também nos palcos de grandes teatros, tendo inclusive um espetáculo de show de travestis ganhado permissão de apresentação durante os anos da ditadura. A irreverência, carisma e luta de Jane não ficou apenas nos palcos, onde esteve presente por toda sua vida, tendo estreado espetáculo inédito ano passado. Para além dos palcos, ela também foi uma liderança e referência em Copacabana, tendo um salão de beleza e chegando a ser Sindica de condomínio. Jane foi do início ao fim uma estrela. Em entrevista concedida ao jornal Pasquim em 1983, Jane conta sua trajetória de um “Viadinho de Madureira” até uma “travesti super-star”, nos lembrando que seu sucesso não era apenas em sua arte, mas também em suas relações, em especial em sua parceria amorosa de mais de cinco décadas com “um marido assumido”, seu companheiro Otávio Bonfim. Desde 2018, ano de falecimento de Otávio, Jane sempre cantava em seus shows a música “Um sonhador” (de Leandro e Leonardo), canção que a fazia rememorar seu amado. Nessas comoventes interpretações, a artista celebrava no palco a vida e o envolvente amor vivido pelo casal misturada com a saudade e ânsia de um reencontro. Hoje, num sentimento agridoce de despedida, Jane reencontra seu grande amor. Na imagem, a edição de 1983 do Pasquim

com a matéria “Jane di Castro: como se tornar um(a) travesti super-star”, adquirida para o Acervo Bajubá em 2014 (ACERVO BAJUBÁ, 2020b).

E como ser LGBTQIA+ numa sociedade que nos oprime, exclui e mata é um ato político e social desde o acordar ao se deitar, seria impossível que o exercício pleno da democracia por parte da comunidade ficasse de fora das publicações do Acervo (Imagem 5), tendo o exemplo abaixo:

**Imagem 5 - Triângulo Rosa**



**Fonte:** Página do Acervo Bajubá no Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CHgey6\\_n86k/](https://www.instagram.com/p/CHgey6_n86k/).

A publicação dos registros fotográficos do folheto ‘Triângulo Rosa’ existe em um campo de organização uma luta política, na construção histórica de espaços de visibilidade nos espaços políticos. A publicação trouxe como legenda:

Com a aproximação do importante período eleitoral acirrado deste ano, temos hoje como objeto de memória LGBT o panfleto da campanha de Herbert Daniel em 1986 trazendo a questão homossexual no debate político das eleições daquele ano: “Combate todas as formas de opressão”. É sempre importante lembrar que a história da participação de pessoas LGBT na arena política institucional é bem mais antiga do que se imagina. Lgbt foram protagonistas no processo de redemocratização desde a década de 1970, participando de partidos políticos e tendo contribuído para constituição de diversas políticas como exemplo o próprio Sistema Único de Saúde. Já em 1982, candidatos traziam a disputa eleitoral campanhas que debatiam a homossexualidade e suas vinculações com o feminismo, o ambientalismo, debate classista dentre outros temas. Além da campanha de Daniel em 1986 pelo PT, ele também produziu um texto debatendo a política homossexual em 1986 quando se filiou ao PV, bem como seu incrível vídeo de lançamento de pré-candidatura à presidência da república em 1989, novamente defendendo a luta contra todas as formas de preconceito. O panfleto foi doado ao Acervo Bajubá em 2017 e os demais materiais foram adquiridos em 2014 (ACERVO BAJUBÁ, 2020c).



Evidencia-se assim uma preocupação por parte do curador de conteúdo em ambientes digitais do Acervo Bajubá em contemplar diversas facetas que cercam a história da comunidade LGBTQIA+, sejam personalidades, marcos político-sociais ou curiosidades gerais. O importante é que a dedicação posta nesse processo de curadoria fornece os meios possíveis para que essa comunidade construa a sua memória social de forma que não ceda ao processo higienizador que a grande massa tenta impôr. A história da comunidade LGBTQIA+ é feita de luta, choro e muito sangue e é preciso que saibamos de onde viemos para entender e prospectar onde podemos e vamos chegar. Vida longa ao Acervo Bajubá.

## 6 Considerações Finais

Pudemos observar que o advento das TICs e da Web 2.0 mudou a forma de consumo e de produção de informação em ambientes digitais. As práticas curatoriais se renovaram na medida que os postulados de Guerrini (2013) - selecionar, verificar, apresentar e organizar - são encontrados dispostos organicamente no feed do Acervo Bajubá: há ali um trabalho curatorial que se reporta às técnicas de que falava aquele autor. Mas não apenas este trabalho curatorial foi e é feito a partir de uma série de questionamentos teórico-práticos que dizem respeito às diversas comunidades LGBTQIA+, como também foi e é pensado a partir de uma lógica de distribuição e acesso desse tipo de informação/conteúdo.

Pudemos refletir acerca de novas relações e práticas curatoriais que estendem e convidam à reflexão acerca do papel social da curadoria de conteúdo em ambientes digitais. Há de se pensar, também, que existe uma predisposição ao digital em tempos de pandemia – se o acervo físico por vezes exclui ou diminui, mesmo que de forma não proposital, o digital proporciona um outro tipo de relação de consumo da informação àqueles que, ainda em tempos de normalidade, não encontrariam meios para afetar e serem afetados para e com o acesso ao conhecimento registrado.

É preciso que ampliemos a discussão de uma construção da memória social e afetiva da comunidade LGBTQIA+, pois esta ainda não é, e nem parece que em breve será, parte da História que aprendemos na escola, no meio acadêmico ou na construção que vêm por meio da socialização, física ou virtual. É visível que a comunidade LGBTQIA+ vive mazelas semelhantes às vividas quase um século atrás, mas iniciativas como as do Acervo Bajubá dispõem meios e ferramentas

para a criação de repertórios que possibilitem a (re)construção e a manutenção dessa memória LGBTQIA+.

## Referências

ACERVO BAJUBÁ. **Nossos trapos, nossa história**. 2021. Disponível em: <https://acervobajuba.com.br/institucional/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ARRUDA, Anderson Matheus Alves; ALVES, Adriana Lopes. Construções epistemológicas e o papel do sujeito ativo no processo da informação a partir da competência crítica em informação: uma análise de caso. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 111-124, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/27529/17724>. Acesso em: 04 jul. 2021.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas. **Ciência da Informação**, v. 28, n. 2, 1999. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/847>. Acesso em: 16 jun. 2021.

BEAGRIE, Neil. Digital Curation for Science, Digital Libraries, and Individuals. **International Journal of Digital Curation**, v. 1, p. 3-16, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.2218/ijdc.v1i1.2>. Acesso em: 16 jun. 2021.

BLATTMAN, Ursula; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. Colaboração e interação na web 2.0 e biblioteca 2.0. **Revista ACB**, v.12, n. 2, p.191-215, 2007. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/530/664>. Acesso em: 16 jun. 2021.

BLYSTONE, Dan. **The Story of Instagram**: the rise of the #1 photo-sharing application. 2020. Disponível em: <https://www.investopedia.com/articles/investing/102615/story-instagram-rise-1-photo0sharing-app.asp>. Acesso em: 04 jul. 2021.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CHAMBERS, Elizabeth A. **Defining the role of the curator**. Museum Studies: Perspectives and Innovations, 2006.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. 451 p.

EISENHARDT, Kathleen M. Building theories from case study research. **Academy of Management Review**. New York, New York, v. 14, n. 4, 1989. Disponível em: [www.jstor.org/stable/258557](http://www.jstor.org/stable/258557). Acesso em: 26 jun. 2021.

GREEN, James *et al.* (orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda Editorial, 2018.

GUERRINI, Federico. Newsroom curators and independent storytellers: Content curation as a new form of journalism. **Reuters Institute Fellowship Paper**, p. 1-62, 2013. Disponível em:



<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/newsroom-curators-and-independent-storytellers-content-curation-new-form-journalism>. Acesso em: 16 jun. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2. ed. Brasília: Da Autora, 2012. Disponível em: <http://www.diversidadesesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2021.

KORR, Josh. A 21st Century Newswire: curating the Web With Links. **Nieman Reports**, 2008. Disponível em: <https://niemanreports.org/articles/a-21st-century-newswire-curating-the-web-with-links/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

LEONZINI, Nessia. Apresentação. In: OBRIST, Hans Ulrich. **Uma breve história da curadoria**. São Paulo: BEI, 2010, p. 9-11.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. 2. ed. Brasília: Brique de Lemos, 1999.

PINTO, Débora Morato. **Consciência e memória**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

ROSEMBAUM, Steven. **Curation Nation**: how to win in a world where consumers are creators. McGraw-Hill Education: 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**: princípios de direito político. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. 210 p.

SANTOS SILVA, Ismaelly Batista dos. Informação e visibilidade na construção desiderativa da aprendizagem: prospecções acerca da população LGBTQI+. In: ROMEIRO, Nathália; ALMEIDA, Bruno; WELLINGTON, Carlos. (orgs.). **Do invisível ao visível**: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na ciência da informação. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019. p. 19-39.

SCOTTI, Edilene Vieira *et al.* O terceiro milênio e o paradigma da informação. **Encontros Bibli**: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 4, n. 8, p. 35-41, set. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.1999v4n8p35>. Acesso em: 16 jun. 2021.

VAUCHER, Thiago Araújo. O pasquim: alternativo e corajoso. **Semina**: Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF, Passo Fundo, v. 11, n. 1, out. 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/4378>. Acesso em: 03 jul. 2021.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

ZHONG, Changtao. **Social Curation of Content**: measurements and models. 135f. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia)- Department of Informatics King's College London, 2016. Disponível em:

[https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/files/66978941/2017\\_Zhong\\_Changtao\\_1239004\\_ethesis.pdf](https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/files/66978941/2017_Zhong_Changtao_1239004_ethesis.pdf)  
. Acesso em: 16 jun. 2021.

## Sobre as autorias

### *Anderson Matheus Alves Arruda*

Mestrando em Ciência da Informação, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE). Membro do Grupo de Pesquisa: Estudos Epistemológicos em Informação (EEI/UFPE) e da Associação Cultural de Travestis e Transexuais de Alagoas (ACTTRANS).

[amatheus.aarruda@gmail.com](mailto:amatheus.aarruda@gmail.com)

### *Arthur Henrique Feijó de Almeida*

Mestrando em Ciência da Informação, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bacharel em Biblioteconomia, pela UFPE.

[arthuralmeidafeijo@gmail.com](mailto:arthuralmeidafeijo@gmail.com)

## Notas

### *Agradecimentos*

À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Artigo submetido em: 25 ago. 2022.

Aceito em: 31 dez. 2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

**UFCA** UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
Mestrado Profissional em Biblioteconomia  
Revista Folha de Rosto



✉ [folhaderosto@ufca.edu.br](mailto:folhaderosto@ufca.edu.br)

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.